

PALAVRA FINAL

Desafios para o próximo milênio

Mais de 96% das pessoas portadoras de deficiência visual, menores de 30 anos, ainda encontram-se literalmente abandonadas. Nossa preocupação concentra-se naqueles que ainda se encontram totalmente marginalizados, sem sequer saberem que existe um sistema de escrita e leitura que lhes permite estudar, permitindo o acesso a uma melhor qualidade de vida. Sem saberem, inclusive, que têm direito à educação, à reabilitação e ao trabalho, enfim, que têm direito a uma cidadania plena como lhes garante a constituição.

Em geral as salas de recursos, destinadas ao atendimento de pessoas portadoras de deficiência visual matriculadas em estabelecimentos de ensino regular, quase sempre estão localizadas nos lugares de pior acesso no espaço físico da escola, quando não fora dele, e quase sempre em corredores próximos a banheiros ou depósitos. Raramente possuem metragem suficiente para possibilitar um bom nível de atendimento. Tampouco dispõem da quantidade mínima dos materiais especializados necessários, como regletes, punções, sorobãs, máquinas Braille, mapas em relevo, Thermoforms ou mesmo papel Braille. Muitas vezes, eles têm que apelar para revistas velhas ou outros tipos de papel para a produção de algum texto no Sistema Braille.

Os deficientes visuais brasileiros, e da América Latina em geral, encontram-se bastante defasados em relação aos deficientes visuais de outros países, principalmente da Europa e dos Estados Unidos. Enquanto nestes os cegos têm acesso aos avanços tecnológicos, contando com apoio de governos e organizações economicamente fortes, no Brasil e no restante da América Latina, apenas uma pequena minoria tem acesso à educação. Dessa minoria, apenas uma minoria mais expressiva de poucos privilegiados tem acesso às novas tecnologias. Somente de uns dez anos para cá é que as máquinas de datilografia Braille tornaram-se mais comuns, chegando a alguns estados brasileiros, onde antes sequer se cogitava a possibilidade de sua disponibilização.

Assim mesmo, ainda hoje, a quantidade desses equipamentos em uso no Brasil é absolutamente insuficiente, e ainda é bastante difícil sua aquisição. Outra grande dificuldade é o reparo ou a recuperação das máquinas, que são danificadas muito facilmente em consequência do uso intensivo. Ainda não existem, em quantidade suficiente, técnicos capacitados para recuperar ou fazer a manutenção dessas máquinas. Mais crítica é a questão da reposição de peças, já que a importação dos acessórios é tão difícil quanto a importação das próprias máquinas. Porém, apesar da precariedade da maioria dos serviços em funcionamento para os cegos, ainda podemos considerar que o Brasil acusa uma posição muito adiantada em relação aos demais países da América Latina.

Os grandes desafios para o novo milênio são, entre outros, a ampliação da oferta de serviços especializados para cegos, o favorecimento do acesso das pessoas cegas às novas tecnologias e a valorização do professor especializado, através de capacitação adequada e melhor remuneração. Como medidas imediatas, destacamos a criação de cursos para a capacitação de professores, para que possam atender à demanda, principalmente no interior dos estados das regiões norte e nordeste. Cursos de capacitação à distância também poderiam ser uma solução para essa interiorização. Além disso, deve-se ampliar a oferta de cursos de especialização, principalmente na área da deficiência visual em universidades, visando à melhoria dos serviços existentes. A valorização do magistério que se dedica à educação especial é também uma medida que deve ser levada em conta, principalmente pelos órgãos públicos, como uma maneira de reconhecimento do trabalho desenvolvido por esses profissionais, e também para estimular o interesse de mais pessoas pelo magistério especializado.

Paradoxalmente, fruto do grande esforço que vem sendo desenvolvido pelo Ministério da Educação, através da Secretaria de Educação Especial (SEESP), e, principalmente, pela atenção que vem sendo dispensada à área da deficiência visual pela professora Marilene Ribeiro dos Santos, sua titular nos últimos cinco anos, nunca se produziu tanto Braille no Brasil. Há três anos, num levantamento efetuado pela União Brasileira de Cegos (UBC), encomendado pela SEESP, foram localizadas no Brasil cerca de 20 impressoras Braille, incluindo as duas grandes mini-prensas Braille existentes (a do IBC e a da Fundação Dorina Nowill para Cegos – FDNC).

Graças ao projeto CAPS (Centro de Apoio Pedagógico) implantado pelo MEC, através da SEESP, hoje se produz Braille em quase todos os estados brasileiros. O projeto teve origem após o Congresso Internacional sobre Produção de Braille, realizado em maio de 1996. Regiões onde a curto prazo não se cogitava a criação de um centro de produção Braille, como Santarém no Pará, hoje possuem CAPS. Até agora, são 12 os CAPS implantados ou em fase final de implantação. Até o final deste ano, mais 10 CAPS serão implantados, alcançando quase todo o território nacional.

A política de distribuição de material didático básico, que está sendo executada pela SEESP, já alcançou o número de oito mil kits distribuídos para secretarias de educação estaduais, municipais e organizações não-governamentais de e para cegos brasileiros. Mais cinco mil serão distribuídos até o fim do ano.

Essa não é uma tarefa para poucos. Todos nós estamos comprometidos, e por isso todos temos o dever de enfrentá-la, contribuir e participar. Órgãos do Governo Federal, das secretarias de educação estaduais e municipais e das demais organizações têm o dever de buscarem meios para que, no próximo milênio, possamos reverter o quadro atual e levar ao maior número possível de pessoas portadoras de deficiência visual a oportunidade de educação, reabilitação e, conseqüentemente, de emprego e do pleno exercício da cidadania.

Professor
Presidente da União Brasileira de Cegos

Adilson

Ventura